

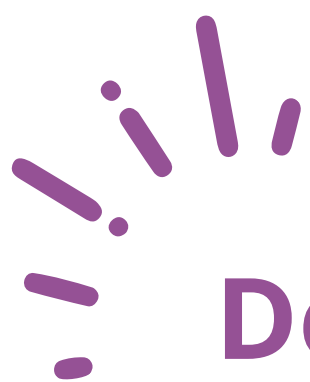


A VOZ DA VÍTIMA:

*Um guia educacional para ouvir, falar e acolher
mulheres vítimas de violência sexual.*

SHEYLA MÁRCIA DA SILVA SOUSA
JANAINA DE JESUS SANTOS





Dedicamos a cada mulher que sofreu os danos irreversíveis da violência sexual e a cada profissional que se dispôs a ver cada uma como mais que uma simples vítima.

Sumário

DE ONDE PARTIREMOS? ----- 5

Será que eu preciso mesmo de um
guia? ----- 7

INFORMAÇÕES IMPORTANTES ----- 10

As formas de agressão ----- 12

Tipos de violência ----- 13

ENSINO E ESCUTA ATIVA: ALGUMAS
REFLEXÕES ----- 28

5 técnicas de escuta ativa ----- 30

Atitudes de empatia ----- 31

A fragilidade da vítima ----- 33

De quem é a culpa? ----- 34





Sumário

A culpa não é da vítima! ----- 35

INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR EM UM
CLIQUE ----- 37

Em vídeos ----- 38

Em livros ----- 40

Em artigos científicos ----- 42

CONHECIMENTO DESCOMPLICADO:
Livros, filmes e documentários que
debatem problemas atuais ----- 44

PALAVRAS FINAIS ----- 53

REFERÊNCIAS ----- 54

De onde partiremos?

Esse guia foi pensado para auxiliar na informação complementar para que a instituição policial faça a diferença na vida de uma mulher vítima de violência sexual e, também, nos números que crescem diariamente.

Sabemos que a instituição ou um policial, sozinho, não pode acabar com todos os casos de estupro ou evitá-los, mas quando uma vítima é bem recebida e se sente protegida na delegacia de polícia civil, o medo do descaso e descrédito diminui e dá lugar ao sentimento de segurança, mesmo em meio ao caos e à dor da violência sofrida.

Para isso, falaremos sobre a escuta ativa e diversas formas de empatia, para fazer com que vítima se sinta acolhida e segura para relatar a agressão sofrida.






De onde partiremos?

4 MULHERES SÃO VÍTIMAS DE FEMINICÍDIO POR DIA!

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, somente em 2022, o Brasil teve dois casos de estupro por minuto.

E no primeiro semestre de 2022, 699 mulheres foram vítimas de feminicídio, e muitas nunca denunciaram, por medo!

Pensando nos problemas estruturais do serviço policial no momento do atendimento à vítima, no medo que assombra o ato da denuncia e do receio do que pode ou não acontecer após a ocorrência, este guia tem o objetivo de auxiliar na informação complementar para que a instituição policial e, igualmente, o amparo às vítimas, façam a diferença na vida da vítima e, conseqüentemente, na sociedade como um todo.



Será que eu preciso mesmo de um guia?

- Informação é boa e todo mundo gosta!

Este guia irá lhe ajudar na busca por informação de forma leve e descontraída para que o atendimento a mulheres violentadas sexualmente seja individual, eficaz e cada dia mais acolhedor.





Será que eu preciso mesmo de um guia?

- A parceria é fundamental!

Lembre-se que você não está sozinho, assim como uma vítima não deve estar!

Para que as informações deste guia sejam utilizadas e colocadas em prática da melhor forma, é importante que toda a instituição esteja junta, entendendo as demandas e individualidades de cada vítima como algo ímpar, que pode mudar uma vida.



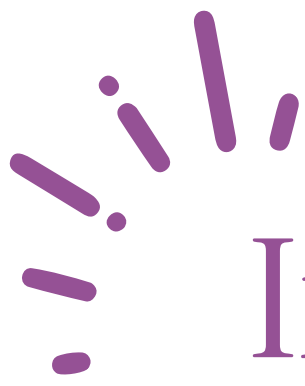


Será que eu preciso mesmo de um guia?

- Sua ajuda pode mudar uma vida!

Muitas mulheres passaram e continuam passando por experiências traumáticas no ambiente policial, deixando-lhes com receio de voltar novamente, ou fazendo com que elas compartilhem esse medo com outras vítimas. Um atendimento acolhedor tem foco nas necessidades psicológicas da vítima.

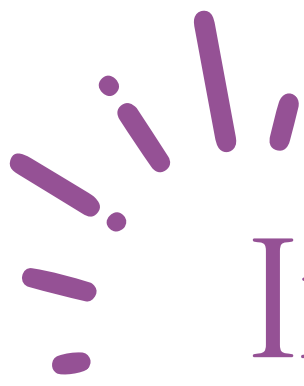




Informações importantes

- A violência contra a mulher contém diversas facetas, que fazem-na existir desde os becos e vielas, até o quarto ou a sala da casa da vítima.
- Isso faz com que a violência aconteça de forma que, muitas vezes, a maioria das vítimas não saibam de sua existência ou que o fato vivido, se configure como uma violência.





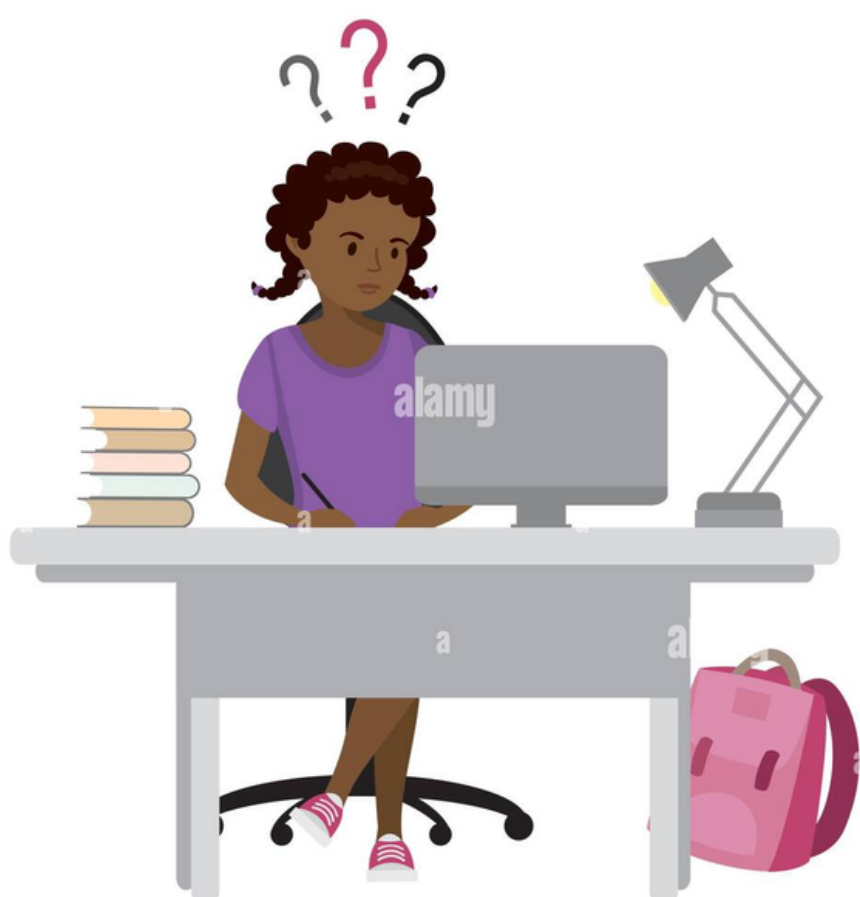
Informações importantes

- Queríamos acreditar que o conhecimento é amplamente divulgado ou possuído pela maior parte da sociedade, por conta do vasto acesso à internet e informações que os web e os tele noticiários disponibilizam.
- Mas a teoria e a prática são diferentes!
- Muitas pessoas não contam com esse acesso ou com a facilidade de informações. Por esse motivo, conhecer as formas de violência contra a mulher se torna extremamente necessário.



As formas de agressão

- Inúmeras mulheres sofrem, diariamente, com a violência e, sabendo do quão multifacetada ela é, entender quais podem ser as características de cada tipo pode facilitar a compreensão e o atendimento humanizado.
- Essas formas de agressão são complexas, perversas, não ocorrem isoladas umas das outras e têm graves consequências para a mulher.
- Qualquer uma das formas de violência constitui ato de violação dos direitos humanos, deve ser denunciada e recebida de forma humanizada e acolhedora.



Tipos de violência

- Violência psicológica –

A Lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, em seu texto, nos apresenta a “agressão emocional”.

⊕ texto legal descreve como “condutas que causem danos emocionais em geral ou atitudes que tenham objetivo de limitar ou controlar suas ações e comportamentos, através de ameaças, constrangimentos, humilhações, chantagens e outras ações que lhes causem prejuízos à saúde psicológica”.

Na maioria das vezes, até a vítima tem dificuldades de identificar essa forma de violência, pois o prejuízo não é físico ou material. Muitas vítimas não se dão conta de que estão sofrendo danos emocionais.





Atitudes que configuram a violência psicológica

- Ameaças: o término de um relacionamento, violentar a vítima de alguma forma ou acabar com algo precioso para elx, como uma amizade ou oportunidades pessoais, tudo isso configura formas de ameaças;
- Humilhação: em momentos íntimos, quanto públicos, o agressor pode ver uma chance de diminuir as vítimas para se enaltecerem;
- Manipulação: o agressor sempre encontra formas para deixar a vítima mais próxima, seja através de chantagem emocional e distorção da realidade, para realizar mais agressões;
- Isolamento social: geralmente acontece junto à violência psicológica, convencendo a vítima a se isolar de amigos e familiares para que elx tenha dificuldades identificar qualquer erro no relacionamento.



Atitudes que configuram a violência psicológica

- Insultos: O agressor a insulta com pequenos comentários que acontecem disfarçados de brincadeiras e até xingamentos.
- Limitação de direitos: é através do controle da liberdade de ir e vir, de expressão e interagir com quem deseja. O agressor sempre faz de tudo para controlar a vida da vítima;
- Ridicularização: faz a vítima se sentir inferior. A persistência em fazer críticas, seja à aparência, personalidade, modo de falar, de se vestir, etc., é outra característica forte;
- Distorcer fatos: também conhecida como gaslighting, acontece quando os acontecimentos são distorcidos, além conversas e memórias com a intenção de que a vítima duvide dos fatos. Deste modo, ela passa a ver a percepção dela como certa sem questionar seus próprios julgamentos.



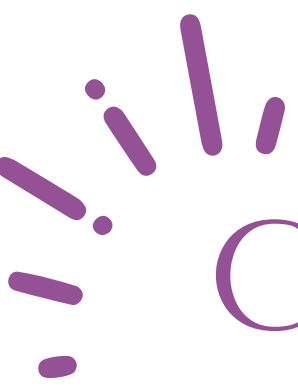
Tipos de violência

- Violência virtual –

A ampliação do círculo de pessoas alcançadas pelas redes sociais e a velocidade com que as mensagens de voz, de texto, vídeos e fotos são trocadas e replicadas no ambiente virtual estão no cotidiano de grande parte da população brasileira.

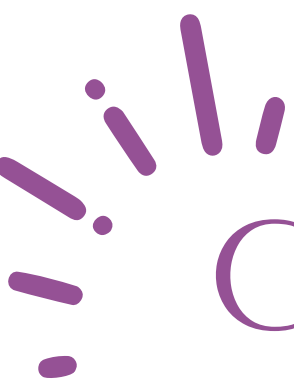
⊕ Brasil é um dos países que mais acumula casos de violência contra a mulher no mundo, e a propagação do alcance à internet fez com que os casos de violência tomassem conta do ambiente virtual, com perseguição on-line, estupro virtual, entre outros.





Crimes virtuais contra a mulher

- Pornografia de vingança: é a divulgação de imagens íntimas em sites e redes sociais — pode ser através de vídeo ou foto com cenas íntimas, nudez, relação sexual —, sem o consentimento da vítima.
- Sextorsão: consiste na ameaça de espalhar imagens íntimas para forçar a vítima a fazer algo, seja por vingança, humilhação ou para extorsão financeira. Pode ocorrer quando alguém finge ter posse de assuntos íntimos como forma de ameaçar; cobrança de valores após conversa sexual com exposição de ambos; violação de contas e aparelhos eletrônicos para roubar conteúdos íntimos, e outras formas;



Crimes virtuais contra a mulher

- Estupro virtual: é quando o violentador faz ameaças e chantagens à vítima, por possuir qualquer conteúdo íntimo e, com base nisso, exige favores sexuais através dos meios virtuais;
- Perseguição on-line (stalking): acontece quando o agressor faz a vítima se sentir assediada ou com medo, invadindo sua privacidade enviando mensagens nas redes sociais, expondo fatos e boatos sobre a vítima, entre outros. ⊕ stalking não é um crime, segundo a legislação brasileira — um projeto no Congresso Nacional discute a criminalização do tema —, enquanto isso, as mulheres vítimas têm encontrado na Lei Maria da Penha ferramentas para garantir sua segurança, como medidas protetivas.



Tipos de violência

- Violência sexual –

A violência sexual é definida pela Organização Mundial da Saúde como “todo ato sexual, tentativa de consumir um ato sexual ou insinuações sexuais indesejadas; ou ações para comercializar ou usar de qualquer outro modo a sexualidade de uma pessoa por meio da coerção por outra pessoa, independentemente da relação desta com a vítima, em qualquer âmbito, incluindo o lar e o local de trabalho”.

No Brasil, estupro é constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso – conforme definido no capítulo sobre os crimes contra a liberdade sexual do Código Penal, após as alterações promovidas em 2009 com a Lei nº 12.015.



A violência sexual abrange:

- Estupro dentro de um relacionamento;
- Estupro por pessoas desconhecidas ou até mesmo conhecidas;
- Tentativas sexuais indesejadas ou assédio sexual, que podem acontecer na escola, no local de trabalho e em outros ambientes;
- Violação sistemática e outras formas de violência, particularmente comuns em situações de conflito armado (como a fertilização forçada);
- Abuso de pessoas com incapacidades físicas ou mentais;
- Estupro e abuso sexual de crianças;



A violência sexual

abrange:

- Formas “tradicionais” de violência sexual, como casamento ou coabitação forçada
- Segundo a Organização das Nações Unidas, a coerção pode ocorrer de diversas formas e por meio de diferentes graus de força, intimidação psicológica, extorsão e ameaças. A violência sexual também pode acontecer se a vítima não estiver em condições de consentir, em caso de estar sob efeito do álcool e outras drogas, dormindo ou mentalmente incapacitada, entre outros casos.



Tipos de violência

- Violência moral –

A Lei Maria da Penha, em seu artigo 7º , define essa violência da seguinte forma:

“V – A violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.”





Atitudes que configuram a violência moral

- Calúnia: quando o agressor ou agressora afirma falsamente que aquela praticou crime que elx não cometeu;
- Difamação; quando o agressor atribui à mulher fatos que maculem a sua reputação,
- Injúria: ofende a dignidade da mulher. (Exemplos: Dar opinião contra a reputação moral, críticas mentirosas e xingamentos);
- Desvalorizar a vítima pelas suas vestimentas;
- Rebaixar a mulher por meio de xingamentos que refletem sobre o seu caráter.

Tipos de violência

- Violência patrimonial –

Entendida como qualquer conduta que configure posse, subtração, extinção parcial ou total de seus pertences, ferramentas de trabalho, documentos pessoais, bens, recursos e direitos ou recursos econômicos.





Atitudes que configuram a violência patrimonial

- Limitar o dinheiro;
- Não pagar a pensão alimentícia;
- Destruir documentos pessoais;
- Furto, extorsão ou dano;
- Estelionato;
- Proibir de usufruir de bens, valores ou recursos econômicos;
- Criar danos propositais a pertences da vítima.



Tipos de violência

- Violência física

A violência física é uma das mais noticiadas e contabilizadas no Brasil. É aquela entendida como qualquer ação que ofenda integridade ou saúde corporal da mulher.

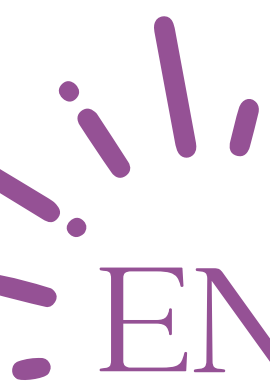
É praticada com uso de força física do agressor, que machuca a vítima de várias maneiras ou ainda com o uso de armas.





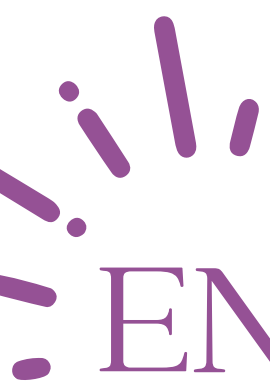
Atitudes que configuram a violência física

- Espancar;
- Jogar objetos;
- Sacudir e/ou pressionar os braços;
- Estrangulamento ou enforcamento;
- Lesões com objetos cortantes ou perfurantes;
- Tortura;
- Ferimentos causados por queimaduras ou armas de fogo.



ENSINO E ESCUTA ATIVA: algumas reflexões

- Quando expostos a situações de fragilidade, cada vítima tem necessidades em atendimento especializado, e quando se trata de uma vítima de violência sexual, o atendimento também deve ser humanizado, o que nem sempre ocorre, seja por parte dos familiares ou da instituição policial, responsável por um dos primeiros contatos com a vítima.
- Na maioria das vezes, as queixas dizem respeito a falhas de comunicação com o profissional: a inaptidão em acolher e escutar o suficiente para tirar conclusões; a frieza demonstrada pelo profissional diante da situação da vítima; a incredibilidade depositada no discurso relatado ou até a utilização de jargões excessivamente técnicos e pouco compreensíveis ao ouvinte.



ENSINO E ESCUTA ATIVA: algumas reflexões

- A escuta ativa é a habilidade de saber ouvir com certo grau de atenção e participação comunicativa. Na prática, a psicologia define a escuta ativa como uma técnica baseada na aceitação e empatia, com a intenção de saber ouvir e perceber as razões e sentimentos dos outros.
- Praticar a escuta ativa é conseguir conectar-se com a vítima por meio da metacomunicação. Isto é, captar todos os aspectos do discurso, seja a postura, o tom, a voz, as dúvidas e emoções que são demonstradas de acordo o que se fala.
- Escolher um local tranquilo e sem distrações ajuda a vítima a se sentir mais segura para dar mais detalhes durante o discurso.
- Poder observar bem a vítima, procurando entender sua linguagem não verbal e seu tom de voz. Isso porque dessa forma, esse sistema de escuta é ativado de forma mais eficaz.



5 técnicas de escuta ativa

- Existem cinco técnicas-chave que podem ser utilizadas para desenvolver habilidades de escuta ativa.
- Ao empregá-las, a escuta ativa pode se tornar mais fácil e eficiente:
 1. preste bastante atenção;
 2. deixe claro que você está ouvindo;
 3. responda com empatia;
 4. não faça juízo enquanto ouve, apenas ouça;
 5. responda apropriadamente.





Atitudes de empatia:

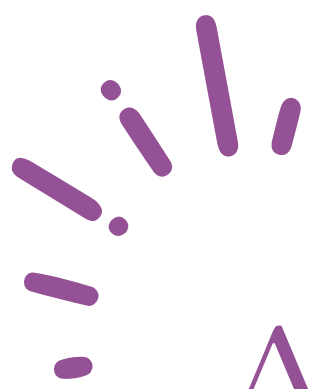
- Em todos os casos de violência contra alguém, há uma situação de conflito, em que a vítima se questiona onde errou, o certo e o errado – pecado, castigo ou expiação?
- Solidariedade é compartilhar o sofrimento com a pessoa vítima! Não julgue, tente responder perguntas ou explicar os questionamentos.
- Procurar encarar a situação real:
 1. Indique os caminhos que podem ser seguidos, legalmente.
 2. A própria vítima deve tomar o caminho que se sentir mais confortável.
 3. Aponte os seus direitos, mas respeite os limites.
- Ajude como puder:
 1. médico;
 2. policial;
 3. jurídico;
 4. social;
 5. religioso.
- Mas lembre-se de respeitar a liberdade e o direito de decisão do outro.



Atitudes de empatia:

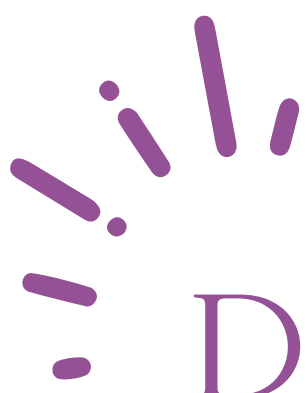
- Encontre um local tranquilo, sem movimentações excessivas, que transmita conforto e confiança.
- Tente mostrar que sempre há uma saída.
- Se possível, aponte as saídas existentes, nunca uma só. Busque entender bem o caso;
- Não olhar de maneira preconceituosa;
- Não ser partidário;
- Não projetar sentimentos reprimidos ;
- etc.
- Num procedimento empático, deve-se lembrar que não há plenitude de satisfação, alegria e felicidade, pois antes de tudo, ainda existe uma vítima.
- Nas situações de violência estão sempre presentes os sofrimentos.





A fragilidade da vítima

- Atender vítimas de violência não é uma tarefa fácil em nenhum setor, e quando se trata de mulheres vítimas de violência sexual, a dificuldade aumenta, pois atendê-las pode despertar sentimentos advindos de experiências pessoais do cotidiano no profissional.
- Primeiramente, é preciso compreender que a vítima procura a instituição policial dotada de fragilidades, medos e receios que incluem desde o momento vivido, até o serviço que lhe será oferecido.
- O acolhimento é um fator fundamental para que a assistência seja humanizada e individualizada, assim como estabelecer vínculo e empatia com a vítima. Para tanto, se faz necessário mostrar solidariedade com a sua dor e sofrimento e demonstrar uma resposta afetiva apropriada.



De quem é a culpa?

- Muitas vezes, as vítimas desconhecem a dimensão criminal dos atos violentos exercidos contra si e, por medo do que pode acontecer, não realizam ou demoram de realizar a ocorrência.
- ⊕ medo que é instituído, seja por questões econômicas, sociais ou por meio de ameaças do agressor, impedem muitas vítimas de violência de procurar ajuda profissional.
- ⊕ receio de ser exposta para a sociedade e o medo do que poderá acontecer durante o atendimento policial também são grandes empecilhos, uma vez que experiências negativas de outras mulheres contam a culpabilização imposta à vítima, no próprio ambiente policial.



A culpa não é da vítima!

- Procure afastar/combater crenças e mitos que dificultam ou impedem sua intervenção;
- Busque ter conhecimento suficiente sobre os fatores e processos abusivos utilizados pelo agressor;
- Conheça e saiba identificar os tipos mais frequentes envolvidos na violência e suas consequências para a vítima;
- Saiba reconhecer sinais indiciadores da ocorrência de violência e incentivar a revelação por parte da vítima;





A culpa não é da vítima!

- Reconheça as consequências da violência;
- Busque, sempre, cursos voltados para as competências e estratégias básicas de comunicação/atendimento, seja presencial seja telefônico;
- Se mostre sensibilizadx para lidar com as especificidades emocionais e comportamentais da vítima;
- Fale quais os tipos de apoio disponíveis e quais os tipos de encaminhamento e de articulação com outros serviços que podem ser disponibilizados.



FORMAÇÃO COMPLEMENTAR EM UM CLICK

A voz da vítima foi elaborado para auxiliar na informação complementar de forma rápida e prática e, principalmente, pensando no dia-a-dia intenso da instituição policial

Assim, o guia foi pensado para facilitar o acesso para além da teoria, indo até vídeos, artigos e livros disponíveis na internet que podem ajudar na prática.





EM VÍDEOS

CANAL: DIREITO DELAS:

<https://www.youtube.com/c/DireitoDelas>

Ana Paula e Marina, advogadas se apresentam como ativistas pelos direitos das mulheres e fazem vídeos com a missão de democratizar o conhecimento jurídico e informar as mulheres sobre seus direitos, de maneira fácil, descomplicada e descontraída

Os vídeos disponíveis falam sobre estupro marital, assédio, relacionamento abusivo, consentimento na violência sexual e outros temas de grande importância para a informação complementar.

DIREITO
DELAS



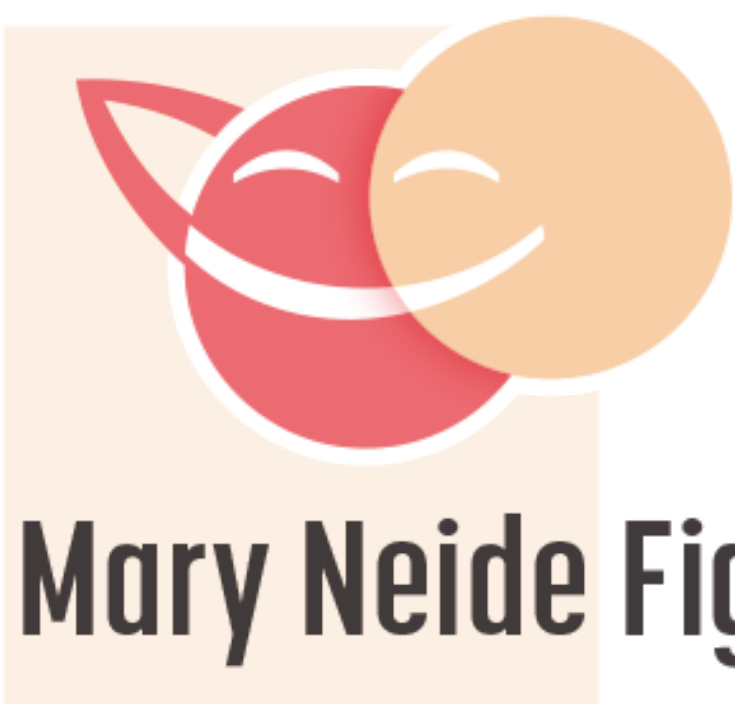
EM VÍDEOS

CANAL: MARY NEIDE FIGUEIRÓ

<https://www.youtube.com/c/MaryNeideFigueir%C3%B3>

Mary Neide Figueiró é psicóloga doutora em educação e disponibiliza vídeos voltados para a educação sexual no campo familiar e profissional.

Seus vídeos sobre abuso sexual, preconceito e desconhecimento da educação sexual e prevenção ao relacionamento abusivo são grandes pilares para uma formação complementar, já que Mary Neide é professora e passa os conteúdos de forma dinâmica e descomplicada.



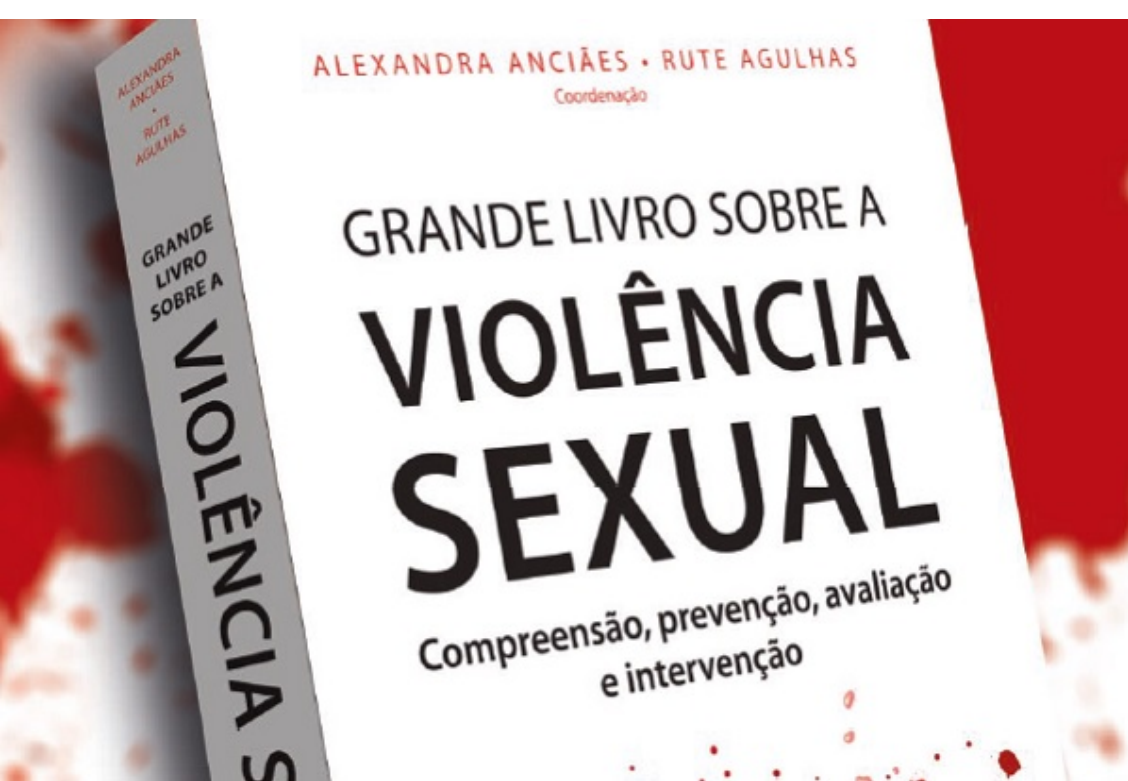


GRANDE LIVRO SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL

ANCIÃES, A. AGULHAS, R. Grande livro sobre a violência sexual: Compreensão, Prevenção, Avaliação E Intervenção. 1ª ed. Editora Sílabo, 2021.

Disponível em:
<https://silabo.pt/catalogo/ciencias-sociais-e-humanas/psicologia/livro/grande-livro-sobre-a-violencia-sexual/>

Quando falamos de violência sexual, falamos de crianças, adolescentes e adultos, falamos de vítimas e agressores, falamos de tipologias de crimes e perturbações mentais e falamos, ainda, de diferentes áreas e níveis de intervenção por parte do sistema profissional. Este livro é um compilado dos diversos olhares e perspectivas, reunindo a principal informação relativa a esta temática. Ao longo de 20 capítulos, o autor fala sobre aquilo que a literatura descreve como as boas práticas ao nível da prevenção primária, da avaliação e da intervenção, fornecendo ao leitor um conjunto de informações que lhe permitam conhecer para melhor adaptar as suas práticas.





DO QUE ESTAMOS FALANDO QUANDO FALAMOS DE ESTUPRO

ABDULALI, Sohaila. Do que estamos falando quando falamos de estupro. Tradução Luis Reyes Gil. São Paulo: Vestígio, 2019.

Disponível em:
<https://www.amazon.com.br/estamos-falando-quando-falamos-estupro/dp/8554126343>

Partindo de sua própria experiência, de seu trabalho atendendo centenas de vítimas, e três décadas de trabalho intelectual feminista, Abdulali encara algumas das questões mais espinhosas sobre o tema.

A autora aponta questões pouco faladas como: Um estupro é um evento que define uma vida inteira? Um estupro é pior do que outro? Um mundo sem estupros é possível? Do que estamos falando quando falamos de estupro é um livro para a época de movimentos como #MeToo, #TimesUp e #MeuPrimeiroAssédio, que vai permanecer com seus leitores por muito tempo.

Do que
estamos
falando
quando
falamos de
ESTUPRO

Sohaila
Abdulali

VESTÍGIO



EM ARTIGOS

CIENTÍFICOS

A soberania patriarcal: o sistema de justiça criminal no tratamento da violência sexual contra a mulher

Andrade, V. R. P. de. (2010). A Soberania Patriarcal: o Sistema de Justiça Criminal no Tratamento da Violência Sexual Contra a Mulher. *Direito Público*, 4(17). Recuperado de <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/1300>.

⊕ texto aborda, sob o marco teórico da Criminologia desenvolvida com base no paradigma do controle social, particularmente a Criminologia crítica e feminista, o funcionamento do sistema de justiça criminal relativamente à violência sexual contra a mulher (particularmente o estupro) apontando para a soberania do patriarcado e a duplicação da violência que ele arrasta consigo, e para a necessidade de inclusão e co-responsabilização de todos nós, como co-partícipes institucionais ou simbólicos do controle social e penal, na ultrapassagem da mecânica da violência, concebida em sua dimensão estrutural, institucional e intersubjetiva.



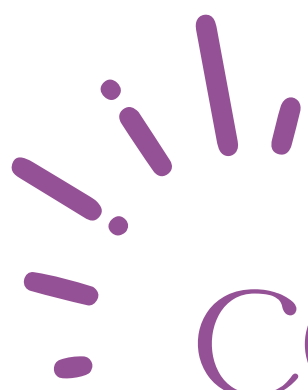
EM ARTIGOS

CIENTÍFICOS

Cultura do estupro: prática e incitação à
violência sexual contra mulheres

SOUZA, Renata Floriano. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. Rev. Estud. Fem. 25 (1) -Jan-Apr 2017 - Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p9>. Acesso em 26 de ago. 2022.

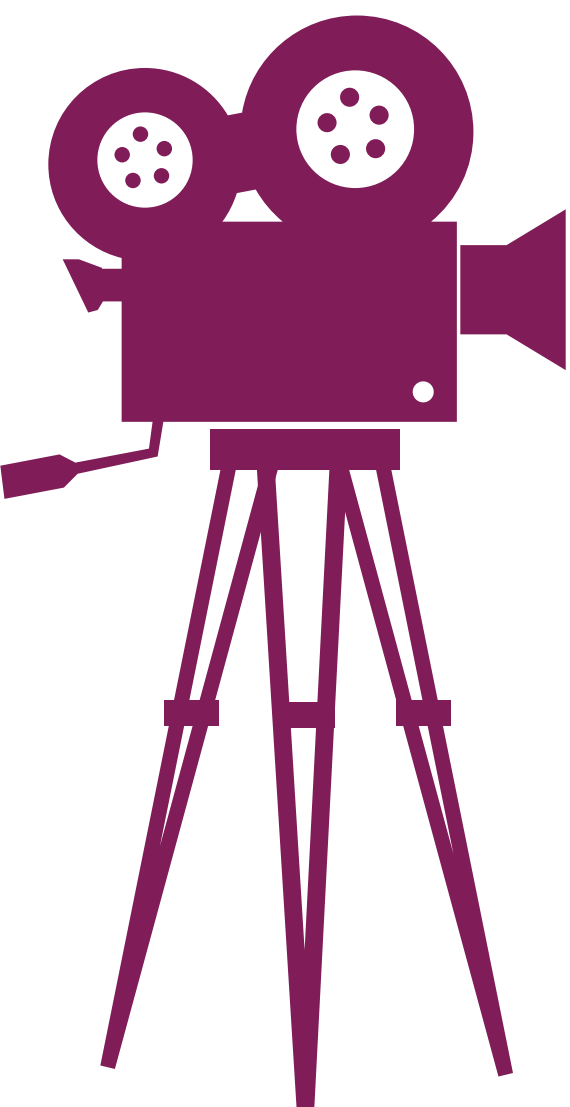
⊕ O objetivo desse artigo é propor, através de pesquisa teórica bibliográfica, uma reflexão sobre quais mecanismos sistêmicos e culturais promovem a cultura do estupro como, também, protegem o estuprador e anulam os direitos das vítimas. Em uma pesquisa focada na violência sexual contra a mulher, buscamos observar quais formas de violência simbólica resultam nesse tipo de violência. A ideia é desconstruir a imagem mítica tanto da vítima quanto do próprio estuprador como meio de revelar, para além do ideário popular, o que, de fato, é estupro. E uma vez elucidando o status do estuprador e da vítima, buscamos demonstrar como o estupro é, acima de tudo, uma das formas mais difundidas da violência de gênero.



CONHECIMENTO DESCOMPLICADO

As páginas seguintes foram especialmente pensadas para indicar livros, séries, filmes e documentários que debatem e informam sobre questões atuais, já citados anteriormente.

⊕ conhecimento é totalmente necessário, mas obtê-lo de forma ampla, descomplicada e dinâmica torna o processo mais prazeroso e efetivo.





CONTRA A VIOLÊNCIA INFANTIL



Um homem, veterano de guerra, ganha a vida resgatando mulheres presas em cativeiros, trabalhando como escravas sexuais. Após uma missão mal sucedida em um bordel de Manhattan, no entanto, a opinião pública se torna contra ele e uma onda de violência se abate na região.

Disponível
<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-247450/>

em:



DETERMINAÇÃO E RESISTÊNCIA



Nos anos 60, no Mississippi, Skeeter é uma garota da alta sociedade que retorna determinada a se tornar escritora. Ela começa a entrevistar as mulheres negras da cidade, que deixaram suas vidas para trabalhar na criação dos filhos da elite branca, da qual a própria Skeeter faz parte. Aibileen Clark, a empregada da melhor amiga de Skeeter, é a primeira a conceder uma entrevista. Apesar das críticas, Skeeter e Aibileen continuam trabalhando juntas e, aos poucos, conseguem novas adesões.

Disponível em: <https://www.starplus.com/pt-br/movies/historias-cruzadas/6ZGpAKtaSJZM> 46



FORÇA E TRANSFORMAÇÃO

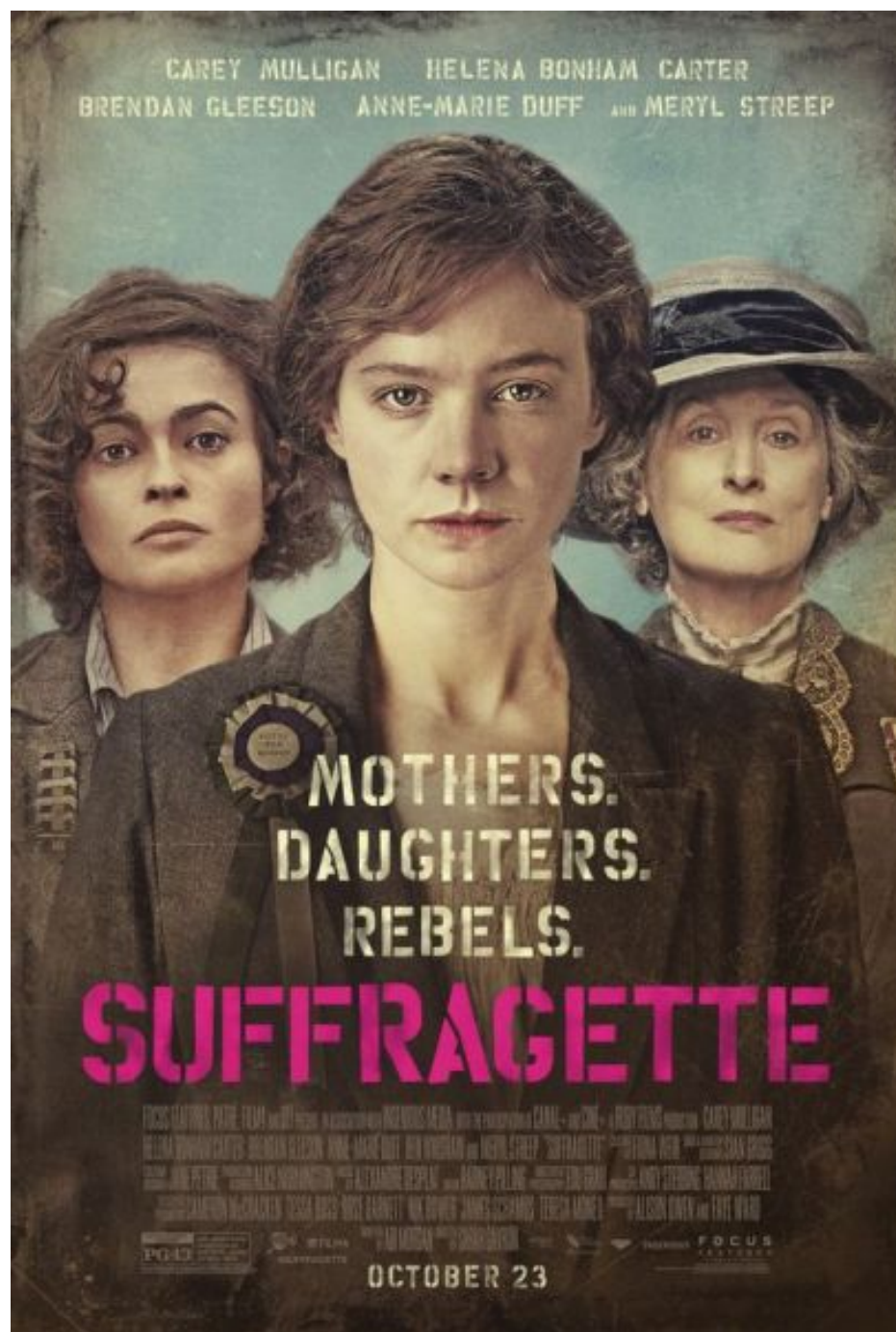


Após ser violentada, uma mulher passa a receber ameaças provocadoras de quem lhe atacou, o que a leva a suspeitar de quem lhe cerca.

Disponível em:
https://www.primevideo.com/dp/amzn1.dv.gti.98b76c24-0d32-b6dc-f071-04e4220f1fd1?autoplay=0&ref_=atv_cf_strg_wb



LUTA E JUSTIÇA



⊕ início da luta do movimento feminista e os métodos incomuns de batalha. A história das mulheres que enfrentaram seus limites na luta por igualdade e pelo direito de voto. Elas resistiam à opressão de forma passiva, mas, a partir do momento em que começaram a sofrer uma crescente agressão da polícia, decidiram se rebelar publicamente.

Disponível

<https://play.google.com/store/movies/details?id=IcOmJnDaPgo>

em:

HISTÓRIA E LIBERDADE



Em 1841, Solomon Northup é um negro livre, que vive em paz ao lado da esposa e filhos. Um dia, após aceitar um trabalho que o leva a outra cidade, ele é sequestrado e acorrentado. Vendido como se fosse um escravo, Solomon precisa superar humilhações físicas e emocionais para sobreviver. Ao longo de 12 anos, ele passa por dois senhores, Ford e Edwin Epps, que exploram seus serviços.

Disponível em: <https://www.starplus.com/pt-br/movies/12-anos-de-escravidao/4jQ5LawAmDKA>



ADOLESCENCIA E SEXUALIDADE



⊕ inexperiente ⊕ Otis entende tudo de aconselhamento sexual, graças à sua mãe sexóloga. Ele se junta com a rebelde Maeve para abrir uma clínica de terapia sexual na escola.

Disponível em: <https://www.netflix.com/search?q=sex%20ed&jbv=80197526>



SOFRIMENTO E SUPERACÃO



Na Copenhague de 1926, os artistas Einar e Gerda Wegener se casam. Gerda então decide vestir Einar de mulher para pintá-lo. Einar começa a mudar sua aparência, transformando-se em uma mulher, e passa a se chamar de Lili Elbe. Com o apoio, ainda que conturbado, da esposa, um Einar deprimido passa por uma das primeiras cirurgias de mudança de sexo da história para tentar se transformar por completo em Lili e recuperar o gosto pela vida.

Disponível

em:

https://www.primevideo.com/dp/amzn1.dv.gti.dcb9711e-d862-b3fa-fd25-01e0c87a7fb0?autoplay=0&ref_=atv_cf_strg_wb



ESPERANÇA E DETERMINAÇÃO



Em uma iniciativa de reparação pelo passado escravocrata, o governo brasileiro decreta uma medida provisória e provoca uma reação imediata no Congresso Nacional. Os parlamentares aprovam uma medida que obriga os cidadãos negros a se mudar para a África na intenção de retomar as suas origens. A aprovação afeta diretamente a vida do casal formado pela médica Capitú e pelo advogado Antonio, além de seu primo, o jornalista André, que mora com eles no mesmo apartamento.

Disponível

<https://play.google.com/store/movies/details?id=HR7YeDr2y4M.P>

em:



PALAVRAS

FINAIS

A educação continuada dos profissionais pode ser considerada como prática de liberdade, já que é preciso que o profissional, nessa construção de saberes, reflita suas ações com o outro e consigo mesmo.

Essa educação é o investimento necessário para formar profissionais capazes de pensar em suas verdades, entendendo suas limitações, aprendendo a lidar com elas, com as diferenças, limitações e capacidades dos outros, o que o auxilia a tornar seu atendimento mais humanizado. É necessário que se possibilite viver outras práticas de liberdade, que inclua o profissional e a vítima que, conseqüentemente, irá usufruir de seu atendimento.



REFERÊNCIAS

ABDULALI, Sohaila. Do que estamos falando quando falamos de estupro. Tradução Reyes Gil. - 1 ed. São Paulo: Vestígio, 2019.

ACAYABA, Cíntia. Feminicídios batem recorde no 1º semestre de 2022 no Brasil quando repasse ao combate à violência contra a mulher foi o mais baixo. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/12/07/feminicidios-batem-recorde-no-1o-semester-de-2022-no-brasil-quando-repasse-ao-combate-a-violencia-contra-a-mulher-foi-o-mais-baixo.ghtml>. Acesso em 16 de nov. de 2022.

ANCIÃES, A; AGULHAS, R. (Org.) Grande livro sobre a violência sexual: Compreensão, Prevenção, Avaliação E Intervenção. 1ª ed. Editora Sílabos. 2021.

ARAÚJO, M. M. T.; SILVA, M. J. P. Estratégias de comunicação utilizadas por profissionais de saúde na atenção à pacientes sob cuidados paliativos. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 2012; 46(3):626-32. Disponível em: scielo.br/j/reeusp/a/PkND3TttB3sCS8d9jWQkLGQ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 05 de jul. 2022.



REFERÊNCIAS

Coordenadoria da Mulher. **Definição de violência contra a mulher.** Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe, (s.d). Disponível em: <https://www.tjse.jus.br/portaldamulher/definicao-de-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em 05 de jul. 2022.

Dossiê violência contra as mulheres. **Violência de gênero na Internet.** (s.d). Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-de-genero-na-internet/>. Acesso em 07 de jul. 2022.

FIGUEIREDO, Patrícia. **9% das mulheres brasileiras sofreram violência sexual alguma vez na vida, diz pesquisa de IBGE e Ministério da Saúde.** São Paulo, 2021. Disponível em: g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/05/11/9percent-das-mulheres-brasileiras-sofreram-violencia-sexual-alguma-vez-na-vida-diz-pesquisa-de-ibge-e-ministerio-da-saude.ghtml. Acesso em 04 de jul. 2022.

GOVERNO DO ESTADO, Mato Grosso do Sul. **Violência sexual.** Não se cale (s.d.) Disponível em: naosecale.ms.gov.br/violencia-sexual/. Acesso em 04 de jul. de 2022.



REFERÊNCIAS

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Brasil tem cerca de 822 mil casos de estupro a cada ano, dois por minuto.** Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13541-brasil-tem-cerca-de-822-mil-casos-de-estupro-a-cada-ano-dois-por-minuto>. Acesso em 27 de mar. 2023.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. **Tipos de violência.** IMP, 2018. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>. Acesso em 04 de jul. 2022.

MOREIRA, Paulo Roberto S. **Crimes sexuais pela internet: a violência contra a mulher entre o real e o virtual.** Migalhas de peso, 2022. Disponível em: migalhas.com.br/depeso/361963/crimes-sexuais-pela-internet-a-violencia-contra-a-mulher. Acesso em 04 de jul. 2022.

OLIVEIRA, Maria José S. *et al.* **A escuta ativa como estratégia de humanização da assistência em saúde.** Rev. Saúde e Desenvolvimento Humano - ISSN 2317-8582. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18316/sdh.v6i2.4732>. Acesso em 17 de mar. 2023.



REFERÊNCIAS

REIS, M. *et al.* Vivências de enfermeiros na assistência à mulher vítima de violência sexual. Rev. Saúde Pública 44 (2), Abr 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102010000200013>. Acesso em 05 de jul. 2022.

SANTOS, Carla. A importância de uma escuta ativa. Rev. Repositório, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11796/1281>. Acesso em 05 de jul. 2022